

Indignação une candidatos mais fortes

O candidato do PDT, Leonel Brizola, falando em Carazinho, município do interior gaúcho onde nasceu, responsabilizou o presidente José Sarney pela entrada de Sílvio Santos na sucessão presidencial. Depois de uma visita à sepultura de seus pais, Brizola sugeriu ao Congresso o exame do comportamento de Sarney no episódio Sílvio Santos, "até com vistas a um *impeachment*." O candidato pedetista acrescentou que "se o Brasil tivesse um Congresso à altura, ele apreciaria a posição do presidente e essa manobra indecorosa do Palácio do Planalto. O Congresso deveria dizer que não se estimulam golpes eleitorais de última hora. Isso equivale a uma obstrução das eleições."

Pressionado por jornalistas em Anápolis, município de Goiás, o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, estranhou que a imprensa esteja preocupada, apenas, com o chamado *Caso Lubeca* — nome de uma empreiteira que trabalha com a prefeitura de São Paulo e que ofereceu ajuda à sua campanha —, orientando-a no sentido de descobrir "quanto Sílvio Santos pagou para Armando Corrêa renunciar." Em oito cidades do interior paulista, onde esteve em campanha ontem, o candidato do PRN, Fernando Collor, endureceu o tom de suas críticas ao presidente José Sarney, a quem acusou de tentar dificultar a consolidação do processo democrático. Sempre com alusões claras, mas indiretas, a Sílvio Santos, Collor chamou a atenção de seus eleitores: "Este não é um momento para brincadeiras, para se improvisar. Não é um momento para se permitir que entrem pela janela da eleição para tentar confundir o voto do povo mais sofrido."

Em quase todas as capitais a candidatura do dono do SBT, Sílvio Santos, pelo Partido Municipalista Brasileiro (PMB), foi recebida com surpresa. A maioria das lideranças políticas que opinou sobre ela, como o governador fluminense Moreira Franco ou o candidato do PFL, Aureliano Chaves, seguiu Brizola e a interpretou como manobra do Palácio do Planalto para tumultuar a campanha eleitoral em sua reta final. O candidato do PSDB, Mário Covas, culpou a legislação eleitoral vigente "pela brecha" que permitiu a entrada de Sílvio Santos na sucessão presidencial, sem esconder que esse fato novo pode mudar tudo.

Para políticos que não estavam encontrando melhores espaços dentro da campanha presidencial, em diferentes estados, por causa das divergências regionais que jogam grupos de um mesmo partido, uns contra os outros, a candidatura de Sílvio Santos é, no entanto, uma espécie de táboa de salvação. Estão nesse caso, os representantes do PFL e do PDS da Paraíba, que se dividiam pelos palanques de Leonel Brizola e Paulo Maluf e admitem, agora, se unir em torno do nome do dono do SBT, atraídos por um forte sentimento baírrista: o vice dessa composição eleitoral de última hora é o paraibano Marcondes Gadelha (senador pefelista).



Armando Corrêa

Críticas — Em Fortaleza, onde se encontrava ontem, Mário Covas disse que a candidatura de Sílvio Santos era coisa "de um país paradoxal, um absurdo, porque ela já entra na disputa sem o menor sentido. Faltam apenas 13 dias para a eleição e os demais candidatos, há quatro meses, empreendem verdadeira maratona pelos municípios brasileiros." O candidato do PSDB não quis, no entanto, fazer prognósticos sobre as candidaturas que perdem ou ganham com a entrada em cena do homem que é, ao mesmo tempo, o dono do SBT e seu principal animador de programas de auditório.

O ex-ministro Aureliano Chaves, em Belo Horizonte, fixou-se nas declarações do empresário paulista Antônio Ermírio de Moraes, que responsabilizou o presidente José Sarney pela gestação e nascimento da candidatura de Sílvio Santos. O candidato do PFL afirmou: "Antônio Ermírio é um homem sério e as declarações dele merecem ser examinadas pelo Palácio do Planalto."

"Eu entro de corpo inteiro nas coisas e não tenho o hábito de fazer manobras de envolvimento. Tenho até o mau hábito de não me preocupar com manobras que estão se tornando corriqueiras na política brasileira", salientou Aureliano.

Impugnação — Em entrevista coletiva no Palácio Guanabara, o governador Moreira Franco defendeu a impugnação da candidatura de Sílvio Santos pela Executiva Nacional do PMDB, acompanhando o PDT, o PT e o PDS. "Não faço parte do comando pemedebista, mas se o fizesse, creio que a maneira de frustrar essa manobra grave e indigna seria a de denunciar. E o local da denúncia é o TSE."

"O mais odioso não está no sr. Sílvio Santos, no sr. Armando Corrêa (ex-candidato do PMB) ou no Marcondes Gadelha (ex-PFL). Está na manobra, na mumunha, na maneira pela qual está sendo feito", destacou o governador do



Sílvio Santos

Estado do Rio. Moreira espera que o quadro sucessório não seja alterado com a candidatura do apresentador do SBT, mas sustentou: "Haverá prejuízo é para o processo eleitoral e democrático e não para os candidatos. Querem tirar a credibilidade do processo, desrespeitando os anseios da população, que têm como sua última esperança a eleição de um novo presidente."

O governador de Minas, Newton Cardoso, reuniu seus assessores mais importantes, no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, considerando possível "a criação de um impasse" que resultaria, segundo ele, da batalha jurídica pelo registro ou não do novo candidato do PMB. Newton fez contatos, por telefone, com o governador do Rio Grande do Norte, Geraldo Melo, que também alimenta o mesmo ponto de vista.

Prévia — Uma prévia realizada pelo radialista pernambucano Geraldo Freire, que comanda um programa popular todas as manhãs na Rádio Jornal do Comércio, em Recife, deu o primeiro lugar a Lula com 30 votos e registrou um empate de 28 votos entre Sílvio Santos e Fernando Collor. Os ouvintes de Freire opinam sobre a sucessão por telefone. Na capital de Pernambuco, o bar Savoy, um dos mais freqüentados na cidade pela classe média, discutiu a valer a entrada do dono do SBT na eleição.

Indiferente mesmo à candidatura Sílvio Santos ficou o Diretório Regional do Partido Municipalista Brasileiro (PMB), em Pernambuco, que manteve seu apoio a Fernando Collor, informaram o líder na Assembleia Legislativa do estado, Manuel Alves, e a vereadora por Recife Geralda Farias. O PMB nasceu em 1986 para permitir que o usineiro Antônio Farias entrasse na coligação que elegeu Miguel Arraes governador e conquistasse uma cadeira de senador. O núcleo pernambucano do partido é o mais forte do país: além do senador Farias conta com cinco deputados estaduais, 25 prefeitos e 178 vereadores.